

VINÍCIUS GROSSOS



O GAROTO
— QUASE —
ATROPELADO

Uma história inesquecível sobre adolescentes que escolheram acreditar no que sentiam. Você vai se emocionar.

BRUNA VIEIRA, autora de *Depois dos Quinze* e outros best-sellers.

VINÍCIUS GROSSOS

O GAROTO
— QUASE —
ATROPELADO

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2015

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa **OSMANE GARCIA FILHO**

Projeto gráfico e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **NATA_DANILENKO | SHUTTERSTOCK**

Ilustrações internas **CAIO PARIZI E SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grossos, Vinícius

O garoto quase atropelado / Vinícius Grossos. —
São Paulo : Faro Editorial, 2015.

ISBN 978-85-62409-46-2

1. Diários brasileiros (Literatura) I. Título.

15-05154

CDD-869.35

Índice para catálogo sistemático:

1. Diários : Literatura brasileira 869.35



1ª edição brasileira: 2015

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



1º de novembro

Pela janela, eu podia avistar o sol se pondo e um crepúsculo alaranjado começando a tomar conta do céu. A porta entreaberta do meu quarto me permitia escutar meu irmão mais velho assistindo ao seu programa de esportes favorito e minha mãe reclamando com ele sobre algo que deixou sujo no banheiro, depois sua voz sumindo enquanto o volume do programa de tv se eleva.

Não sei se estou fazendo o certo. Minha psicóloga disse que eu deveria colocar todos os meus sentimentos em um diário, simplesmente para desabafar e aliviar meu peito, já que eu não levo muito jeito com as palavras.

Tentei evitar começar a escrever, confesso. Não por achar tedioso ou por preguiça, mas porque gosto da minha privacidade em relação aos meus sentimentos. Porém minha mãe parece estar bem preocupada comigo e, com os últimos acontecimentos que permearam minha vida, basicamente, me obrigou a começar a escrever.

Não literalmente obrigar porque minha mãe sempre foi do tipo mais amiga do que mãe. Ela me dá conselhos, me explica sobre o mundo, mas me deixa tomar minhas decisões. No entanto, era explícito o medo que ela

e meu irmão demonstravam sentir, durante os meses após o ocorrido, de que ao acordarem algum dia não fossem mais me encontrar. Não por eu ter fugido em um ato de rebeldia ou por estar em algum lugar e esquecer de mandar notícias, mas... bem... é difícil falar disso porque é sobre a minha vida, mas eles temiam que eu desistisse de viver. É basicamente esse o motivo das visitas à psicóloga.

Realmente, é difícil lidar com a dor, que parece infinita, quando você perde a única pessoa que não o deixava se sentir a criatura mais solitária e perdida do mundo.

De vez em quando ainda escuto a voz dele... Ele grita, desesperadamente, pedindo minha ajuda... Mas eu falho. Não consigo salvá-lo e sempre o perco, repetidas vezes.

Mas de uns tempos para cá, venho me forçando a tentar fugir dessas recordações... Pensar nisso sempre me leva para um buraco fundo de dor e tristeza e eu estou tentando voltar a viver.

Meu caderno, ou diário (ainda estou decidindo como chamar isso, porque a palavra “diário”, na minha cabeça, está ligada à ideia de ser apenas escrito por meninas, o que é um pensamento idiota, eu sei), tem a capa preta de couro, e o que eu mais gosto nele é o ar de antigo que ele tem, como se tivesse pertencido a algum escritor importante e devesse estar exposto em um museu. Isso pelo menos é legal. Ficar olhando pra ele e tal. Eu adoro olhar para as coisas e imaginar a possível história de suas existências...

Pois bem, aqui estou. Escrevendo. Até agora, o diário ainda é um estranho para mim e ainda não me sinto confortável para entregar a ele segredos que são só meus.

Por enquanto, acho que tudo o que posso revelar sobre mim são os acontecimentos nada espetaculares que ocorreram no decorrer do meu dia.

Hoje foi mais um dia tipicamente normal e tedioso — não ir à escola quando todos os seus colegas de turma estão basicamente superocupados com trabalhos de final de semestre e provas deveria ser considerado um privilégio. Mas, no geral, só consideramos isso uma dádiva quando estamos atolados e cansados. Quando nos encontramos do outro lado, com a mente desocupada e um tempo exageradamente vago à disposição, queremos apenas algo a que nos agarrar para seguir.

Mas não vou reclamar. Estou lendo todos os livros que comprei no decorrer do ano e por falta de tempo, ou algum outro motivo de força maior, ficaram aguardando meu contato na estante do meu quarto.

Comecei agora *Admirável mundo novo*, clássico aclamado do escritor Aldous Huxley. É uma leitura interessante, flui bem e me prende. Resumidamente, é uma distopia que conta a história de um mundo em que todos somos condicionados a viver com uma série de regras sociais, inclusive uma divisão por castas. No mundo criado para a história, basicamente, não há nenhum tipo de valor moral, familiar ou religioso da forma como conhecemos. Até que Bernard Marx, personagem principal do livro, se sente meio que insatisfeito com isso tudo e a história começa a se desenvolver...

Acho que se eu fosse um personagem do livro, seria o tal Bernard Marx, porque, por mais que eu não fale muito, não me conformo com algumas engrenagens que fazem o mundo funcionar.

Pensamento estranho esse. É, eu sei. Sou mestre em pensamentos estranhos. Mas adoro autores que me despertam esses tipos de pensamento, então, está bem.

Na verdade, não tão bem quanto se pode imaginar, porque estou rindo alto, já é quase meia-noite e estou me sentindo ridículo por estar escrevendo algo que ninguém nunca vai ler. É como se eu conversasse comigo mesmo. A única coisa que me faz continuar é minha mãe (uma das poucas pessoas no meu mundo que valem a pena). E digo isso não apenas por ela ser minha mãe/pai, mas porque a mulher é extraordinária mesmo!

Enfim, não sei se escrever me ajudará. Nem sei qual o propósito disso tudo. Mas, por ora, vou deixar rolar pra ver no que dá...

Algum dia, quem sabe, eu descubro.



2 de novembro

Hoje, minha mãe me sugeriu que saísse um pouco de casa; disse que eu deveria pelo menos fazer um passeio pelo condomínio onde moramos. Obedeci, sem contrariar, pois sabia que ela não me deixaria em paz se não fizesse a sua vontade. Além disso, como eu andava totalmente envolvido

com a leitura de *Admirável mundo novo*, imaginei que sair para respirar ao ar livre me faria bem.

Assim, peguei a velha bicicleta azul do meu irmão e fui dar uma volta pelo bairro. Era um dia nublado, com folhas secas voando com o vento frio — um típico dia perfeito para mim e para passear com mais tranquilidade.

Andar de bicicleta sempre foi uma das minhas atividades preferidas; sempre me traz uma sensação de liberdade que me faz bem. E o mais legal é que enquanto a bicicleta corre pelo asfalto, eu, graças as minhas habilidades de ciclista, posso tirar as mãos do guidão e apenas esticar os braços no vazio, como se fosse um pássaro prestes a voar.

Isso me faz parar de pensar um pouco na vida. Principalmente no passado e em tudo o que aconteceu há alguns meses.

Ninguém em casa toca no assunto, como se morte fosse um tema proibido. Mas, morrer deveria ser um assunto mais natural, não? Por que tanto drama com algo cujo impacto todos sofreremos um dia? É natural. É incontrollável. Morrer é apenas um efeito colateral de se estar vivo.

Por isso, tenho pensado que devemos sempre viver nossos dias como se fosse o último de nossas vidas. É meio clichê, mas é a mais pura verdade. E é, basicamente, por esse mesmo motivo que sei que se eu morresse agora, esfaqueado por um estranho, atingido por um raio, com um ataque fulminante de coração ou por uma doença esquisita de que ninguém nunca ouviu falar, eu morreria feliz.

E foi enquanto me ocorriam esses pensamentos e eu pedalava que pensei que realmente fosse morrer!

A buzina de um carro ameaçou estourar meus tímpanos, produzindo um ruído histérico, embalado pelo som dos pneus do veículo marcando o asfalto numa freada brusca.

Fechei os olhos, pronto para receber o impacto.

Pronto para receber a Morte.

Meu coração aos saltos.

E...

Nada?

Abri os olhos, só para confirmar que eu ainda estava vivo (tanto estou que estou escrevendo agora, né?), e vi que por uns cinco centímetros mais ou menos o Fiat Uno branco de uma menina não me atingiu.

À primeira vista, ela parecia xingar, principalmente no momento após a freada, quando sua cabeça retornou do contato agressivo com o volante em um movimento rápido e brusco. Ela esfregou a parte machucada e me olhou muito séria. Mas, em poucos segundos, ela abriu a boca e riu. Era um riso quase indecente, como aqueles que a gente dá quando está sentindo que o álcool vai chegando ao cérebro e lembra de uma piada muito suja.

— Oi — ela sibilou, de dentro do carro, se recuperando da crise de riso.

— Oi — respondi na hora.

O cabelo dela era castanho-avermelhado, como a pelagem das raposas dos livros infantis, e caía sobre seus ombros magros. Eu também podia ver o início do que parecia um vestido azul-marinho com bolinhas brancas por baixo de uma jaqueta preta de couro.

Os raios de sol batiam no rosto dela e — uau! — juro que ela parecia um anjo fugido do Paraíso. A sensação que eu tinha era de que podia ficar apenas olhando para ela a minha vida toda...

Então, esse momento fugaz foi quebrado quando ela deu ré com o carro, passou a primeira marcha e parou com o veículo ao meu lado, com a janela do lado do carona totalmente aberta.

— Você está bem? — ela quis saber.

Por instantes, apenas pisquei, como um bobão, até que sacudi a cabeça em confirmação.

Ela sorriu e, então, enfiou na boca um desses cigarros que têm gosto de hortelã, e falou algo que, por culpa do cigarro pendurado entre os dentes, eu não pude entender direito. Ou ela disse: a) bem-vindo ao mundo, de novo; ou b) bem-vindo ao mundo novo. E se a opção b fosse a correta, seria porque ela conhecia o livro que eu estava lendo, e, mesmo que se leve em consideração a popularidade do *Admirável mundo novo*, há que se admitir que ele é pouco lido por adolescentes.

Ela acendeu o cigarro, tragou profundamente, soltou a fumaça espessa e disse por fim:

— A gente se vê por aí. — E saiu com o carro, logo em seguida.

Assim que o automóvel sumiu do meu campo de visão, caiu a ficha de que a garota era realmente muito bonita e que eu havia agido como um idiota, ainda mais levando em consideração as posições em que estávamos: ela, dentro do carro, parecendo adulta, e eu, na bicicleta, com ar de assustado, parecendo uma criança perdida no shopping.

Apesar de tudo, tentei me consolar com o pensamento de que não é sempre que eu cruzo com meninas iguais a ela e consegui tirar duas conclusões com aquele acontecimento:

- 1) Nunca mais andar de bicicleta com os olhos fechados;
- 2) *Acabar logo de ler Admirável mundo novo.*

Acho que esse livro está meio que mexendo com a minha cabeça.

3 de novembro



Já estou terminando o livro e começo a ficar meio abalado. É um sentimento sadomasoquista, inclusive, pois estou demorando na leitura de propósito, por não querer deixar a história ter um fim; a cada dia que passa, a trama me envolve mais e eu me surpreendo com a forma como o autor previu fatos que vieram mesmo a acontecer.

Além disso, não vou atribuir somente ao meu futuro sentimento de perda o fato de demorar na leitura. Nos intervalos entre um capítulo e outro (pois sou metódico e odeio parar um capítulo no meio), minha mente viajava até a menina de cabelo de raposa, com seu sorriso abobado e ao mesmo tempo sexy.

Quem era ela? Infelizmente, começo a perceber que minha necessidade de saber sobre ela só aumenta...

É insano e incontrollável, mas minha mente cria certos tipos de situações como se fosse uma realidade alternativa da minha própria vida. E, exatamente agora, minha mente está me fazendo sentir um pouquinho do gosto prazeroso/amargo disso — digo amargo porque a qualquer momento, assim que minha fantasia for quebrada, por mais que seja bom vivê-la, eu acordarei na realidade crua. Simplificando, é como tirar doce de uma criança.

Por enquanto, ignorando os contras, tudo o que consigo pensar é no vento frio sacudindo meu cabelo, lambendo o meu rosto. Estou num carro — um Fiat Uno branco —, percorrendo uma estrada de asfalto perfeito, dessas que costumamos ver nos filmes americanos, e ponho minha cabeça

para fora da janela. E, então, escuto uma gargalhada explodir no ar, enquanto o rádio toca alguma canção inspirada no rock dos anos 80. Viro o rosto para o lado e observo a menina do cabelo de raposa.

Ela está com uma blusa branca tomara que caia e eu consigo ter um vislumbre generoso de seu decote. Ela é perfeita, MEU DEUS! E o mais surpreendente é que ela sente algo parecido por mim. Então, com o sol brilhando num céu profundamente azul, sem nuvens, ela continua sorrindo, mantendo uma das mãos no volante e a outra me acariciando. Primeiro meu rosto, depois vai descendo pelo meu pescoço, pelo meu peitoral, e dá um pulo, pousando na minha coxa.

Eu me sinto preenchido. Sinto como se nem a chegada do fim do mundo fosse capaz de destruir a aura perfeita que nos cobre.

E nesse momento — eu ainda perdido nos olhos castanhos dela, que parecem um crepúsculo vermelho —, ela se inclina para mim e me dá um beijo.

Sua boca é macia, molhada e quente.

Uma vibração cresce dentro de mim e tudo o que consigo sentir é um desejo insaciável de ter mais...

“Eu te amo”, sussurro, e a menina do cabelo de raposa apenas me responde com um sorrisinho de canto de lábios, jogando o carro para o canto da estrada e parando embaixo da sombra de uma árvore solitária.

Logo após o motor parar de roncar, nós ficamos nos olhando por alguns segundos, tentando quase decifrar os pensamentos um do outro, até que ela me surpreende num movimento rápido, retirando sua blusa e deixando os seios à mostra...

“Meu Deus” é tudo o que consigo dizer. Ela abre um sorriso e diz: “Tira logo sua camisa também.”

Eu obedeço, jogando a camisa no banco de trás, ao mesmo tempo em que ela se inclina para o meu pescoço, me beijando lentamente; sua saliva deixa um caminho fresco por onde passa e meus pelos vão se eriçando instintivamente.

— Quero mais — deixo escapar num gemido.

Ela beija delicadamente meu peito e vai descendo, cobrindo cada parte do meu corpo com seus beijos quentes, me fazendo querer mais e mais e mais e...

— PUNHETEIROOOOOOO!!!

Acordo da minha fantasia num susto que, facilmente, poderia ter me levado a óbito. Meu irmão mais velho, Henrique, está no meu quarto,

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA ARVATO EM AGOSTO DE 2015